



ARTIGOS

## **A Imigração da Noiva Japonesa ao Brasil, após a Segunda Guerra Mundial**

Entrevistas com os homens que  
acolheram as noivas

Sayaka Nakanishi IKEUTI, *Osaka City University*

---

Este artigo apresenta parte do resultado de uma pesquisa realizada no Brasil em 2013, o qual reuniu narrativas orais de imigrantes japoneses, homens e mulheres, que experienciaram o fenômeno do casamento arranjado por cartas. Será apresentada a perspectiva dos jovens que imigraram ao Brasil após a Segunda Guerra Mundial para receber as suas noivas. Será descrita a situação dos jovens que desejavam uma noiva de “nacionalidade japonesa” e sobre a escolha das companheiras, onde ambos os imigrantes, pré e pós-guerra, pareciam rejeitar fortemente a “integração” com o Brasil, incluindo até mesmo aqueles, que estavam dispostos a permanecer aqui permanentemente. Poucos optaram por brasileiras nativas, ficando claro esta primazia em relação à etnia japonesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jovem Imigrante Solteiro. Brasil e Japão. Descendentes de Japoneses.

---



## Considerações Iniciais

Em sua pesquisa, Shimada (2009) menciona a imigração das mulheres ao exterior (Brasil) pós-guerra como algo “espontâneo” e como opção de vida das próprias jovens que decidiam “apostar” num casamento com jovens agricultores desconhecidos que moravam em um país distante. A autora enfatiza que a imigração das noivas é dada como “um meio de sobrevivência”. Entretanto os motivos pelo qual cada noiva optou, os quais deveriam estar por trás dessa “espontaneidade”, não foram abordados, fragilizando a pesquisa, resumindo toda uma reflexão em uma única palavra, a “espontaneidade”.

Considera-se ainda que a maior limitação dessa pesquisa é que não houve qualquer menção relacionada ao propósito e à expectativa do jovem japonês já residente no Brasil, que desejava uma noiva vinda do Japão. Neste artigo, o objetivo é apresentar o propósito e a expectativa do lado masculino, abordando os relatos dos homens que receberam as suas prometidas, com base nas entrevistas realizadas com 10 homens de São Paulo e Santa Catarina. Observando discordâncias nas expectativas, constatando alguns desapontamentos e esclarecendo os aspectos problemáticos enfrentados pelos imigrantes pós-guerra na formação familiar.

### 1. Panorama Histórico

A imigração dos japoneses ao Brasil começou com a chegada do navio Kasato Maru em Santos, no dia 18 de junho de 1908. Neste período o Japão era um país pobre e os imigrantes tinham o objetivo de lucrar e voltar para o Japão. Por isso, a maioria era chamada de imigrante decasségui de curta permanência.

Para a imigração em família, era obrigatório que os imigrantes pré guerra tivessem no mínimo 3 pessoas aptas ao trabalho. Por isso, com uma renda maior, foram capazes de fazer uma poupança parasse tornarem independentes, evoluindo de trabalhador contratado para arrendador e, por fim, para agricultores.

Em 1945, com o advento da Segunda Guerra Mundial a imigração japonesa foi interrompida. A derrota do Japão na guerra tornou se um marco onde os japoneses deixaram de ser de decasséguis no Brasil passando a ser residentes. Por essas circunstâncias pode se dizer que estes japoneses não puderam mais retornar para a sua terra



natal. A partir de então a imigração se expandiu para além do Estado de São Paulo, buscando novas terras.

Após a Segunda Guerra Mundial, o Japão passou por um crescimento populacional acelerado por conta do retorno dos japoneses que viviam no exterior. E a retomada da imigração foi a forma que o governo japonês encontrou para solucionar a questão do desemprego. Em abril de 1952, quando as relações diplomáticas entre o Japão e o Brasil foram oficialmente firmadas, o governo japonês anunciou a imigração como uma ação política nacional.

Entre uma das características da imigração pós-guerra, pode-se apontar o surgimento de associações que diversificou a forma migratória e a expansão da imigração em diferentes regiões do Brasil. Dentre a forma migratória este fenômeno não teve o apoio somente das associações de agricultura, mas também da sericultura e tecnologia industrial<sup>1</sup>. Quanto a expansão das regiões, houve maior concentração em torno das capitais, e muitos imigrantes que vieram ao Brasil para trabalhar nas plantações abandonaram a atividade, optando pelo trabalho no comércio, na prestação de serviços, na indústria, entre outros<sup>2</sup>. Uma outra curiosidade é que aqueles que vieram com o objetivo principal de serem agricultores ou não exerceram a função ou trabalharam por curto tempo<sup>3</sup>.

A imigração por agricultura mais conhecida é a dos Jovens Imigrantes de Cotia. Nesta cooperativa agrícola, os filhos dos trabalhadores não pretendiam seguir a carreira dos pais e almejavam por um emprego na cidade. Desta forma, houve uma escassez de trabalho nas áreas rurais em torno do Estado de São Paulo. A fim de evitar o declínio da produtividade da Cooperativa, foi dado início ao projeto de imigração de jovens. Foram recrutados jovens japoneses de 18 à 25 anos, que completaram o ensino obrigatório e eram predominantemente o segundo ou o terceiro filho de agricultores estavam engajados na

---

1 Pela agricultura brasileira ter se desenvolvido com rapidez, foram necessário trazer técnicos e pesquisadores estrangeiros. Começando oficialmente no ano de 1961.

2 SAITO Hiroshi (1978) *Gaikokujin ni natta nihonjin • Burajiru Imin no Ikikata to Kawarikata* (Japoneses que se tornaram estrangeiros / Modo de vida e forma de mudança da imigração no Brasil) p.2021 Editora Simul

3 Associação de Imigrantes Brasil Japão • Comitê de Realização do Festival de Comemoração dos 50 anos de Imigração Após a II Guerra Mundial, *Imigração Brasil Japão Meio Século após a II Guerra Mundial*, São Paulo, Comitê de coleção de revista comemorativa, 2006, pág. 195,



agricultura no Japão<sup>4</sup>. Eles foram enviados pelos funcionários da Cooperativa Agrícola de Cotia principalmente a 4 estados: São Paulo, Paraná, Minas e Rio de Janeiro.

Sobre a escolha da família receptora, foi considerada a situação financeira, a capacidade de orientação, situação agrícola, entre outros, e por outro lado, foi avaliado a expectativa, a habilidade e a aptidão física do jovem solteiro. Porém, no auge da imigração, essa seleção da família e do jovem solteiro foi deixado de lado uma vez que os jovens chegavam continuamente ao Brasil, tendo que envia-los à famílias inaptas a recebê-los<sup>5</sup>. Esses jovens trabalharam principalmente nas fazendas de batata, frutas, granjas avícolas, entre outras . Associação dos Jovens de Cotia que recebeu 2295<sup>6</sup> jovens solteiros em imigrações planejadas se destaca neste meio.

Os jovens que chegaram ao Brasil através da Cooperativa trabalharam sob seus empregadores (o patrão) como trabalhadores contratados, mas nem sempre a relação com o patrão era algo amigável.

Houve casos de desentendimentos entre os jovens com os patrões, onde alguns deixaram a fazenda em que foram designados. Assim quando algum colega imigrante tivesse problemas o patrão, o outro teria que começar a trabalhar para substituí-lo. Foi desta forma que o entrevistado E acabou saindo da fazenda durante a sua jornada.

A moradia era fornecida pelo patrão gratuitamente<sup>7</sup>, acolhendo não só o jovem mas também a família dele. Entretanto, eles tinham que morar na mesma casa em que os patrões e, com isso, os desentendimento entre as famílias se tornou uma inconveniência<sup>8</sup> mesmo fora do horário de serviço. A maioria dos patrões eram

---

4 Federação da Visão Geral do Mar do Japão, União Central das Cooperativas Agrícolas (data desconhecida), Cooperativa Agrícola de Cotia do Brasil, Jovens Imigrantes da Cotia, Pontos principais do recrutamento, Federação da Visão Geral do Mar do Japão, União Central das Cooperativas Agrícolas.

5 CONSELHO DE COTIA. *30 anos dos Jovens Imigrantes da Cotia*. São Paulo, Conselho de Cotia, 1985. pág.85.

6 COMITÊ DO FESTIVAL DE COMEMORAÇÃO DOS 50 ANOS. *50 anos dos Jovens Imigrantes da Cotia* . São Pulo: Conselho de Cotia, 2006. pág.35,

7 CONSELHO DE COTIA. *20 anos dos Jovens Imigrantes da Cotia*. São Paulo: Conselho de Cotia, 1975.pág.27.

8 COMITÊ DO FESTIVAL DE COMEMORAÇÃO DOS 50 ANOS. *50 anos dos Jovens Imigrantes da Cotia* . São Pulo: Conselho de Cotia, 2006. pág.37.



imigrantes pré-guerra. Em consequência disto, ocorreram conflitos entre gerações de imigrantes pré e pós-guerra. Os antigos tinham, em relação aos recentes, a impressão de “Facção pós guerra”, “recém chegados”, “que estão confundindo a liberdade”. Por outro lado, os mais novos imigrantes tinham a impressão de que os velhos imigrantes eram “japoneses antigos”, “feudais” e “abobados com o Brasil<sup>9</sup>”. É possível pensar que esta diferença de pensamentos deve se a a interrupção da imigração durante os 10 anos do período da guerra. Mesmo assim, ainda que por um tempo determinado, parecia que trabalhar com o patrão trazia conveniências para a independência.

*Em troca do esforço de 4 anos, por sua vez, acaba criando laços com o patrão, né. Uma relação de confiança quando o patrão pensa que o jovem se esforça. Então, do ponto de vista do patrão, após 4 anos vem a independência, e no final das contas poderá emprestar vários materiais ou ser fiador quando chegar a ser independente. Ou então, por exemplo, ele diz que não quer que saia, que fique por mais tempo. Aí são impostas diversas condições, como dividir a porcentagem. E é por isso que eu me esforço. Então, assim foram 4 anos de uma vida oprimida, que em compensação, por outro lado, foi bem encorajadora. (Senhor B)*

A confiança com o patrão era construída durante os 4 anos de trabalho. Entretanto, muitos jovens não tinham nenhuma garantia de apoio após a independência. Com a oportunidade de serem independente e terem a própria lavoura, os jovens pensavam em casar, mas poucas mulheres queriam se casar com eles<sup>10</sup>. A relação com o patrão era profissional e mesmo sendo tratados “como da família”, foram poucos os jovens que tiveram uma relação pessoal e quistos como o pretendente da filha do patrão. Isto porque os jovens imigrantes solteiros ganhavam pouco e eram pobres.

Além do salário ser baseado no salário mínimo rural, as despesas eram descontadas restando pouco dinheiro em mãos. E se o jovem ainda fosse um fumante, chegaria ao ponto de não ter dinheiro por causa da despesa com o cigarro<sup>11</sup>. Não havia como poupar verbas nesta situação. A

---

9 CONSELHO DE COTIA. *20 anos dos Jovens Imigrantes da Cotia*. São Paulo: Conselho de Cotia, 1975. pág.19.

10 CONSELHO DE COTIA. *30 anos dos Jovens Imigrantes da Cotia*. São Paulo, Conselho de Cotia, 1985. pág.86

11 COMITÊ DO FESTIVAL DE COMEMORAÇÃO DOS 50 ANOS. *50 anos dos Jovens Imigrantes da Cotia*. São Paulo: Conselho de Cotia, pág.3536,2006.



tão sonhada independência, dos jovens, deu lugar à incerteza. Assim é questionado: como estes jovens conseguiram estabelecer laços de matrimônio sem estabilidade necessária? Segue abaixo perfis e relatos de quatro homens que responderá a esta pergunta.

O senhor A, nascido no final de 1930, serviu às forças armadas e fabricou tatami. Seus pais eram agricultores, e apesar de querer segui-los, seu irmão mais velho herdou os negócios da família. Assim veio como jovem imigrante no início dos anos de 1960.

Senhor B, nascido no início de 1930, concluiu o ensino médio e trabalhou como secretário instrutor na estação experimental agrícola. Pensava em ingressar na faculdade, mas veio como imigrante no final de 1950.

Senhor C, nasceu no final de 1930, pretendia ir para os EUA, mas como preenchia os requisitos imigrou como Jovens de Cotia no início de 1960. Contraiu intoxicação por agrotóxico largando a agricultura e passando a trabalhar com uma loja de eletrônicos.

Senhor D, nasceu no final de 1930, desejando trabalhar com a agricultura, imigrou no final de 1950 como jovem solteiro. Com o tempo largou a agricultura e passou a administrar um posto de gasolina.

## **2. A Necessidade de Casar**

Na beira da independência, os jovens solteiros pensavam em se casar.

*“Por mais que trabalhasse por quatro anos, jamais iria conseguir juntar dinheiro. E a partir daí, ser independente.(...) Mas de qualquer forma, trabalhei quatro anos para ser independente, assim junto com a independência, queria uma esposa para aquela hora e construir a minha família.” (Senhor B)*

Os Jovens de Cotia estavam à espera desta independência após trabalhar quatro anos junto com o patrão. Após isto eles tinham que trabalhar sozinhos almejando ter a sua família. Entende-se que buscavam a estabilidade emocional ao se casar. *“Tinha que me casar. Se não casasse, realmente não fazia sentido, certo. Não podia ser solteiro. Tinha que me casar e ter uma família. Me casando, construiria uma família e pela primeira vez, teria sossego.” (Senhor A).*



O Senhor A acreditava que ao se casar conseguiria um porto seguro. Por estes jovens não terem parentes no Brasil, é possível afirmar que eles tinham o anseio pela estabilidade emocional na esposa. Podendo dizer que o matrimônio forneceria a estabilidade emocional, uma mão de obra e confiança da sociedade<sup>12</sup>.

Os entrevistados B e A, não falaram muito sobre o motivo por querer uma noiva. Afirmam que o matrimônio era algo necessário por si só. Aparentemente o casamento não era apenas ter um cônjuge. Ao se unir com alguém, eles acreditavam que teriam uma sócia e uma mão de obra.

### 3. Como encontrar uma noiva?

Eram jovens querendo esposas para ter uma estabilidade emocional e mão de obra para a gestão agrícola, mas não encontravam uma parceira ideal para o casamento. Em uma situação como essa, que maneiras cada um deles utilizaram para encontrar uma esposa?

#### 3.1 - O caso do Senhor D

O Senhor D se casou com uma descendente de segunda geração que estava no Brasil. Ele contou, conforme abaixo, como encontrou sua noiva.

*“Bem neste dia, eu estava representando o patrão e fui buscar em Santos uma família contratada por ele. (...) Aí, eu vi lá o seguinte. Uma moça não desceu do navio dizendo que o marido com quem se comprometeu não é uma pessoa assim(...). E quando vi aquilo pensei, isso não é do meu estilo, não combina comigo trazer do Japão, e me conscientizei. Não descia do navio não. Claro, era um casamento arranjado por foto né. Veio uma bela foto, mas ao ver pessoalmente, deu problema dentro do navio por ser diferente da foto”. (Senhor D)*

O Senhor D estava no porto de Santos quando o navio atracou com as noivas dos Jovens de Cotia. Nesse momento ele viu a noiva que

---

12 COMITÊ DE EDIÇÃO DA REVISTA COMEMORATIVA. *Jovens da Cotia – Este caminho trilhado com a minha esposa*. (Cotia Seinen – Tsuma to ayunda kono miti )São Paulo, Conselho de Cotia, 2011. pág.104.



não descia do navio. Ao ver que o casamento por correspondência não dava certo, conscientizou-se de que aquilo não era para ele. Porém, seus pais preocupados mandavam uma foto atrás da outra.

*“Mas o meu pai preocupado, enviava arduamente as fotos lá do Japão. Dizendo, tem uma pessoa assim, tem uma pessoa assada. Dizendo que havia uma pessoa da escola Shonan que gostaria de apresentar, que isso e que aquilo. Mas pai, mãe, me deixa escolher pelo menos sobre isso, como o meu último pedido”. (Senhor D)*

Os pais do entrevistado preocupados com o matrimônio, enviavam fotos de japonesas e propostas de casamento uma atrás da outra. Por ter visto de perto a noiva recusando a descer do navio, o entrevistado preocupado concluiu que havia muitos problemas ao convocar uma japonesa do Japão decidindo procurar no Brasil.

A esposa ideal para o Senhor D era uma descendente de japoneses ou uma brasileira nativa. Porém, ele diz que, se casasse com uma brasileira, não teria como apresentá-la à comunidade japonesa. Casar-se com uma brasileira, não descendente, seria algo negativo por estar se julgando semelhante, pois na opinião do informante se tornar brasileiro era algo negativo.

Ao ir cumprimentar um conhecido, proprietário de uma fábrica de plástico na cidade, comentou sobre o matrimônio recebendo uma ajuda do amigo, posteriormente, acabou se casando com uma das descendentes que lá trabalhavam. Ele fala sobre esta situação da seguinte forma:

*“(...) Na hora de contratar os serviços, foi pesquisado no Japão (a origem no Japão, etc)(...) Nessa época, acho que (eu) tinha uns 26 (anos). (...)maioria eram jovens imigrantes e muitas falavam a língua japonesa; minha esposa é filha de imigrantes e(...) já estava há muito tempo no Brasil, (fazia) várias coisas da empresa(...). Aquela moça que está ao telefone, gostei dela. Sendo assim, será que dá pra fazer esse tipo de casamento arranjado? Então vai logo na casa para conversar (me disse). Neste dia, encontrei com o pai e a mãe dela e disse ‘me dê a sua filha’. Foi a primeira vez de tudo.” (Senhor D)*

Neste caso o informante foi favorecido pois ele era dono de um posto de gasolina e não vivia somente da agricultura. Já os imigrantes agrícolas, por mais que se desenvolvesse na lavoura a renda não era alta.



O senhor D, afastado da agricultura com uma vida estável<sup>13</sup> recebeu a permissão para o casamento rapidamente. Pode-se dizer que ele viveu em um meio mais próspero que os outros jovens.

Os pais de sua esposa eram imigrantes pré guerra e tinham receio que a filha se casasse com não-descendente. Em outras palavras, os japoneses, mesmo vivendo no Brasil, escolhiam cônjuges japoneses ou seus descendentes como uma opção étnica.

### 3.2 - O caso do Senhor A

O senhor A queria casar com uma japonesa mas não conseguiu por meio das cartas, assim ele se casou com uma descendente de japoneses da segunda geração. A sua família era de agricultores e o irmão mais velho herdou a casa. Para viver no Japão com a terra dos pais era insuficiente. Apesar do informante aspirar ao trabalho com a agricultura no Japão, imigrou para o Brasil por não ser primogênito. Acredita-se que ele possuía um amor grande pelo Japão e, por isso, desejou uma japonesa como esposa. O Senhor A demonstrou um arrependimento por não ter se casado antes de imigrar. Assim para se casar com uma japonesa, não tinha outra forma a não ser, de fato, trocar correspondências.

*“Naquela época, realmente, bem, o ideal era uma japonesa de uma idade próxima. Que isso era o melhor, eu já sabia. Mas não deu para ser assim. Por isso, meus irmãos no Japão procuraram por todos os lados. Bem, por ter sido criada no mesmo meio, no começo tinha esse sentimento.” (Senhor A)*

Ele diz que faria o possível por uma esposa japonesa. Por acreditar que ela teria a mesma cultura e o mesmo raciocínio. *“É Japão e Brasil, então, por isso mesmo, mesmo que tenha uma expectativa, não acontece como se espera. Nenhum dos dois sabe da verdade apenas trocando cartas. É muito difícil de compreender. Por isso, só resta um acreditar no outro.”* ( Senhor A). A quantidade de informação trocada por correspondência era insuficiente e difícil para um entendimento mútuo para um relacionamento chegar até o casamento. Era necessário que o casal fosse determinados, pois ainda havia a distância geográfica. Com salário dos jovens solteiros, não era possível ir procurar uma esposa

---

13 CONSELHO DE COTIA. *30 anos dos Jovens Imigrantes da Cotia*. São Paulo, Conselho de Cotia, 1985. pág.87



no Japão. O Senhor A acreditou que por carta teria dificuldade em saber a verdade e desistiu de convocar uma noiva do Japão.

*“O meio de criação é diferente. Acho que mesmo depois do casamento, ia ter uma diferença (diferença entre japonês e pessoa de segunda geração). Se fosse japonesa, por ser do mesmo meio, combinaríamos mais ou menos, em relação a tudo. Sendo nascida no Brasil, querendo ou não, teria uma diferença.” (Senhor A)*

O Senhor A casou com uma brasileira descendente de segunda geração japonesa, mas conta que há uma diferença entre um japonês e uma pessoa da segunda geração.

*“Aqui era da segunda geração. A pessoa que casei tinha muitos parentes como irmãos, pais e outros parentes. Por isso, ficou de um jeito, que parece que fui puxado para este lado, em vários aspectos. Então, não tinha como ser de outro jeito. Era sozinho né. Por outro lado, cuidou de mim também”. (Senhor A)*

O Senhor A diz que se casasse com a filha de um imigrante pré-guerra, tinha a esperança de conseguir ajuda financeira por eles já terem uma base econômica estável e, por isso, escolheu uma moça de segunda geração<sup>14</sup>.

### **3.3 - O caso do Senhor B**

O Senhor B conta que queria uma esposa da segunda geração.

*“Tinha a intenção de casar no Brasil. (...) Mas aí, antes dessa independência, minha irmã mais velha e meus irmãos perguntaram como ia fazer pra ter uma noiva, aí eu disse que iria arrumar no Brasil. Mas aí, depois de falarem isso, na realidade né, não encontrava uma noiva boa, assim. Estava trabalhando né, não tinha como procurar. Mesmo pra namorar, não tinha tempo pra isso né”. (Senhor B)*

O informante demonstra a intenção de se casar com uma descendente de japoneses. Porém pensando em sua situação trabalhando na agricultura e sem tempo suficiente para conseguir se casar por amor concluiu que seria algo muito difícil.

---

<sup>14</sup> ASSOCIAÇÃO PARA COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. *História dos 100 anos da imigração japonesa no Brasil*. 3. ed. Tokyo: Editora Fukyosha, 2010. pág.448



As pretendentes foram apresentadas pelo patrão e pelos amigos do patrão. Porém não havia uma pessoa que lhe agradasse como esposa. Ele desejava uma mulher culta. Com a vivência e a escolaridade do Japão mas não encontravam no Brasil, por mais que fosse de boa família, era difícil conseguir casar-se com uma moça do mesmo nível do Japão. Com um salário baixo e pelo futuro ser incerto, ele considerava difícil ser aceito como um cônjuge. Ele se via como um imigrante sem nada e sem a confiança do patrão. Assim Senhor B pediu ajuda aos pais que estavam no Japão e ao governo da província.

*“No meu caso, não tinha a intenção de escolher uma brasileira. Os descendentes japoneses, de segunda e terceira geração, bem, cortaram relações com a língua japonesa, e como eu vim contra a vontade dos meus pais para ser colono de qualquer jeito, pensei em arrumar uma noiva aqui. No entanto, quando me deparei com essa realidade e senti que isso era um caso a se pensar, (...) Por isso, não tinha a intenção de casar com uma brasileira. Com descendente de japonês, eu me casaria. Bom, porque, a maioria dos Jovens da Cotia desejava se casar com descendentes de segunda, terceira geração.”(Senhor B)*

O Senhor B conta que não tinha a intenção de se casar com uma brasileira. Por querer se casar no local onde residia, sua esposa seria ou uma descendente ou não-descendente. Para os jovens japoneses os descendentes de japoneses eram brasileiros, mas, pela conversa deste informante, os descendentes não eram considerados brasileiros.

*“Teve gente que desejava se casar com brasileira. Mas eram poucos. (...) Por isso, era muito raro quem desejasse brasileiras. Acredito que o problema de fala, diferença de pensamento, costumes cotidianos, era um problema real, fazia diferença. Não dava vontade de se casar. Não dava”. (Senhor B)*

Apesar de serem poucos, teve quem se casou com brasileiras, dentre os Jovens de Cotia. Na agricultura, os imigrantes japoneses passaram da posição de trabalhadores para produtores. Estes chegaram a uma posição de contratar trabalhadores locais brasileiros por salário mínimo. Partindo deste ponto de vista da posição social, pensavam que trabalhadores da agricultura era uma posição baixa<sup>15</sup>. E o fato de casar com uma moça brasileira significava se casar com alguém de uma

---

15 SAITO, Hiroshi. *Japoneses que se tornaram estrangeiros / Modo de vida e forma de mudança da imigração no Brasil ( Gaikokujin ni natta nihonjin • Burajiru Imin no Ikikata to Kawarikata )* Tokyo, Editora Simul, 1978 Pág. 40.



posição ainda mais baixa, diz o Senhor B. Os jovens solteiros tinham preocupações com isso.

*“Bom, não tem o que fazer, vou pedir no Japão, assim escrevi uma carta para o meu pai e ao governo da província do Japão. Pois me lembrava de quem tinha me ajudado no governo da província. (...) Eu também estava procurando no Brasil, mas, se no Japão tivesse alguém que pretendesse vir pro Brasil, que me apresentasse”.(Senhor B)*

O Senhor B enviou cartas aos pais e para a pessoa que o ajudou na época da imigração. O método de chamar uma noiva do Japão foi uma escolha por eliminação, por não conseguir outro método.

*“Essa pessoa e meus pais conversaram, dizendo que havia uma pessoa assim e, depois de 2 ou 3 meses, chegou a carta. Aí, começamos um relacionamento, e namoramos. (...) Enviando fotos né. Aí, então, ambos, ela também, disse, no Brasil, era meio assim né, mas iria aguentar, deu várias opiniões. De qualquer forma(...)me casei. Casei 6 meses depois de ter começado a nos corresponder.(...) Com isso, fizemos um casamento arranjado por foto.” (Senhor B)*

O Senhor B casou através de correspondências. Uma vantagem dessa forma de casamento era velocidade com que as coisas aconteciam. Em contrapartida, havia aspectos negativos ao se casar por correspondência.

*“Vai buscar em Santos né. De cima do navio.(...). Vê lá de cima, certo. Quando chega o navio. Aí, como um jovem preto está esperando, acabam pedindo divórcio, teve pessoas que não conseguiram se casar também. Teve isso também. Na minha casa não aconteceu isso, mas ainda assim estava preparado, bom, acabei casando.” (Senhor B)*

O entrevistado comentou a expectativa que teve no porto de Santos, conforme acima. Encontraram-se no porto de Santos, presenciando os casos das noivas que não desciam do navio e voltavam à terra natal. O Senhor D, mencionado anteriormente, também presenciou algo semelhante, no porto de Santos. O casal se unia através de cartas e fotos, mas, ao ver o rosto do noivo queimado pelo sol, dava uma impressão bem diferente daquilo que a noiva esperava. Os casais chegavam ao matrimônio pela troca de cartas, mas é muito difícil acreditar que foram poucos os casos em que a noiva não descia do navio no porto de Santos e voltava à sua terra natal. Talvez pudesse ser um casamento em que a noiva já estava disposta a não descer do navio no porto de Santos.



### 3.4 - O caso do Senhor C

O Senhor C queria se casar com uma filha de família de imigrantes.

A princípio, o informante não estava procurando por uma esposa japonesa. Ao redor, havia muitas moças na idade de se casar, mas também havia muitos jovens solteiros e não era fácil encontrar uma pretendente. Aparentemente, o entrevistado tinha preferência por filhas de imigrante familiar.

*“Assim (imigrante familiar) era melhor, era. Dessa forma não era tão penoso. Como tinha família, não tinha perigo de ser levada de volta ou obrigar a morar no Japão. Porque querendo ou não, acaba sentindo falta de casa, saudade do Japão. Quando pensei nisso, difícil né, como posso dizer, por mais que fosse bom para essa pessoa, não era fácil ter certeza. Não foi como planejei né”. (Senhor C)*

Para ele o ideal mesmo era uma filha de imigrantes de família, mas não encontrou uma pessoa com quem pudesse ter um casamento arranjado, como gostaria, onde afirmou que: *“(...)se ficasse velho, tinha bastante. Porque sabia bem dessa situação. Bom(...), o mais prático é esse né”. (Senhor C)*. O Senhor C aproveitou a oportunidade que um amigo conterrâneo, que trabalhava na Cooperativa de Cotia, viajaria ao Japão, para pedir que procurasse uma pretendente para ser sua noiva. Quando seu amigo retornou do Japão, ele sediou uma palestra, onde o entrevistado teve a chance de conhecer a pessoa que se tornaria sua pretendente. Aproveitando que a noiva foi à palestra, começaram a trocar correspondências.

*“Naquele tempo, aquilo que eu era na época, realmente, pensava que se fosse uma pessoa que estivesse no mesmo meio, tendo o mesmo desejo, já estava bom. Tinha esse sentimento sabe. Do lado da namorada também né. Sendo uma pessoa que fosse criada no mesmo meio, que entende o Japão, realmente a conversa bate né”. (Senhor C)*

Ao procurar uma noiva vinda do Japão, o Senhor C pensou que teriam os mesmos pensamentos e valores. Nas terras em que o Senhor C trabalhava como Jovens de Cotia tinham poucos japoneses ao redor, o que talvez possa ter influenciado. Por não ter japoneses, conseguiu aprender o português brasileiro mais rápido, além de já ter trabalhado com um patrão nissei descendente de japonês e, com isso, pareceu ter compreendido a diferença entre um japonês e uma pessoa da segunda geração.



*“Realmente, uma pessoa criada no mesmo meio entende a conversa mais ou menos. Em várias coisas, vários aspectos né. O modo de pensar né, a cultura é diferente né. Porque a cultura em si e o modo de sentir é diferente. Isso é realmente o mais importante, aí a relação dos dois fica mais tranquila, eu tinha né, a impressão de que várias formas de pensamento também iriam coincidir. Isso, lembrando aquele tempo, era assim né”. (Senhor C)*

Pelo visto, o Senhor C pensava que, ao escolher uma esposa japonesa, conseguiriam se entender melhor. Com o fato de já saber as informações de requerimento de noivas no Japão, talvez tivesse pensado que conseguiria se casar rapidamente.

A partir do exemplo destas 4 pessoas, é possível imaginar a persistência pela etnicidade. Muitos dos Jovens solteiros não pensavam em se casar com as brasileiras locais. Pensando na nacionalidade das pessoas descendentes de japoneses residentes no Brasil, elas eram brasileiras. Porém, os jovens solteiros não pensavam nos descendentes de japoneses como brasileiros. Entende-se que tinham uma forte consciência de companheirismo nos modelos de comportamento dos japoneses<sup>16</sup> e que escolhiam descendentes para esposas pela existência das raízes japonesas.

## **4. Conclusão**

Observando os quatro informantes foi possível constatar como eles construíram o matrimônio e como ocorreu a persistência pela etnicidade, na qual a esposa dos Jovens teria que ser ou uma japonesa ou uma descendente. Posteriormente, comprovou que o fato de se casar com uma *nissei* era uma questão de sorte, onde os jovens solteiros recebiam olhares severos das mulheres. Aos poucos, a diferença entre os imigrantes pré e pós-guerra foi diminuindo. Por último, os jovens solteiros que não conseguiram o matrimônio com as descendentes residentes acabaram por ter que convocar do Japão. E por fim é correto afirmar que estes jovens estavam sim preparados para o incerto, numa realidade em que se relacionavam por cartas e a noiva não descia do navio em Santos.

---

16 SAITO, Hiroshi. *Japoneses que se tornaram estrangeiros / Modo de vida e forma de mudança da imigração no Brasil Gaikokujin ni natta nihonjin • Burajiru Imin no Ikikata to Kawarikata* ) Tokyo, Editora Simul, 1978.



## Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO DE IMIGRANTES BRASIL JAPÃO • Comitê de Realização do Festival de Comemoração dos 50 anos de Imigração Após a II Guerra Mundial: **Imigração Brasil Japão Meio Século após a II Guerra Mundial**, São Paulo: Comitê de coleção de revista comemorativa, 2006.

ASSOCIAÇÃO PARA COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. **História dos 100 anos da imigração japonesa no Brasil**. 3. ed. Tokyo: Editora Fukyo-sha, 2010.

CONSELHO DE COTIA. **20 anos dos Jovens Imigrantes da Cotia**. São Paulo: Conselho de Cotia, 1975.

CONSELHO DE COTIA. **30 anos dos Jovens Imigrantes da Cotia**. São Paulo: Conselho de Cotia, 1985.

COMITÊ DE EDIÇÃO DA REVISTA COMEMORATIVA. **Jovens da Cotia – Este caminho trilhado com a minha esposa**. (*Cotia Seinen – Tsuma to ayunda kono miti*) São Paulo: Conselho de Cotia, 2011.

COMITÊ DO FESTIVAL DE COMEMORAÇÃO DOS 50 ANOS. **50 anos dos Jovens Imigrantes da Cotia**. São Paulo: Conselho de Cotia, 2006.

IZUMI, Seiichi. **Imigração, Levantamento da Imigração no Brasil** (*Imin Burajiru Imin no Jittai Chosa*), Tokyo: editora Kokon, 1957.

SAITO, Hiroshi. **Japoneses que se tornaram estrangeiros: Modo de vida e forma de mudança da imigração no Brasil** (*Gaikokujin ni natta nihonjin • Burajiru Imin no Ikikata to Kawarikata*) Tokyo: Editora Simul, 1978.



## Immigration of the Japanese Bride to Brazil after the World War II: Interviews with the men who welcomed the brides

**ABSTRACT:** This article presents a piece of research done in Brazil at 2013, that collected interviews for Japanese immigrants, women and men, which were presented and married by letters. It will be presented the perspective of the young Japanese men who immigrated to Brazil after World War II to receive their brides. It will be described the situation of young Japanese men from that time who wanted a Japanese nationality bride and the strong rejection for integration with Brazilian society. Few Japanese men opted for native Brazilian brides because Japanese ethnicity question was very important for them.

**KEYWORDS:** Young Single Immigrants. Brazil and Japan. Descendants of Japanese.

***Sayaka Nakanishi IKEUTI***

*Graduada em Letras pela Konan Women's University. Mestre em Política e Planejamento Urbano pela Osaka City University.*

*Recebido em: 02/08/2017*

*Aprovado em: 09/11/2017*